



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Rebecca de Araújo Fernandes Amorim

**Estudo Exploratório sobre a Educação Domiciliar:
Relato das práticas de duas famílias educadoras**

Orientador: Prof. Dr. Reuber Gerbassi Scofano

Rio de Janeiro, Julho de 2020



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**Estudo Exploratório sobre a Educação Domiciliar:
Relatos das práticas de duas famílias educadoras**

Rebecca de Araújo Fernandes Amorim

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Reuber Gerbassi Scofano

Rio de Janeiro/RJ

Julho de 2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**Estudo Exploratório sobre a Educação Domiciliar: relatos das
práticas de duas famílias educadoras**

Rebecca de Araújo Fernandes Amorim

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a):

Professor (a) Convidado (a):

Professor (a) Convidado (a):

Rio de Janeiro, _____ de 2020

Anexo 3: Ata de defesa de monografia.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos 14 dias do mês de AGOSTO de 2020, com base na Resolução CEG nº 02, de 15 de abril de 2020, reuniu-se em sessão remota, que foi gravada, a Banca Examinadora da Monografia intitulada: ESTUDO DA EDUCAÇÃO DOMICILIAR NO BRASIL: CONSIDERAÇÕES; de autoria do(a) graduando(a) REBECCA DE A. F. AMORIM DRE 113102032 do Curso de Licenciatura em Pedagogia. A Banca, participando por videoconferência, foi constituída pelos professores: ELAINE CONSTANT, MARTA LIMA DE SOUZA e REUBER GERBASSI SCOFANO este(a) na condição de orientador(a) e presidente da sessão. Às 16 h, a sessão foi aberta, convidando-se ao/à candidato(a) a fazer breve exposição sobre a monografia em julgamento e concedendo-lhe o prazo máximo de 20 minutos. Finda a exposição, passou-se a palavra aos participantes da Banca Examinadora, esclarecendo-se que cada um deles dispunha de até 10 minutos para sua arguição e que o/a candidato(a) dispunha do mesmo tempo para as respostas. Ao final da arguição, a Banca Examinadora analisou e decidiu reservadamente sobre a Monografia apresentada. A seguir, o/a presidente comunicou que a Banca Examinadora considerou a monografia APROVADA com a nota 8,5. O/A presidente da Banca Examinadora deu por encerrada a sessão às 18 h. E, para constar, eu, (nome completo), lavrei a presente ata que foi assinada por mim representando todo os membros da Banca e o/a candidato(a).

(nome completo – orientador(a)) REUBER GERBASSI SCOFANO

(nome completo – professor(a)) ELAINE CONSTANT PEREIRA DE SOUZA

(nome completo – professor(a)) - MARTA LIMA DE SOUZA

(nome completo – candidato(a)) REBECCA DE ARAUJO FERNANDES AMORIM

Reuber Gerbassi Scofano

Nome completo do orientador(a)

Presidente da banca

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu marido, Carlos Magno pela sua perseverança em amor, paciência e provisão.

Aos meus pais, Sérgio e Fátima, por acreditarem e investirem na minha formação. Sou grata a Deus por todos.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, meu criador e salvador, que me molda por meio de sua palavra sagrada, sem o qual não teria condições ou forças para realizar esta conquista. “Soli Deo Gloria”

Agradeço ao meu marido, Carlos, por toda compreensão, zelo e suporte dada a mim durante esses nove anos juntos. Por acreditar em minha capacidade e não desistir, mesmo quando eu desisti.

Agradeço aos meus pais, Sérgio e Fátima, pela dedicação incansável em possibilitar a minha locomoção para a faculdade em segurança, jamais esquecerei do cuidado de minha mãe me levando de madrugada ao ponto de ônibus para chegar a tempo nas aulas e do meu pai indo me acompanhar na volta para casa, já à noite, por conta do meu temor em ser assaltada.

Agradeço a minha família que auxiliou meu desenvolvimento com ternura.

Agradeço aos meus amigos e irmãos em Cristo, minha segunda família, por suas disponibilidades e incansáveis orações. Esse trabalho é fruto delas.

Agradeço ao meu professor, Reuber, pela paciência e acurada orientação. E também para todos os professores da Faculdade de Educação que fizeram parte da minha formação, em especial a Giseli da Cruz, que foi minha professora coordenadora do PIBID Pedagogia UFRJ Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pelo seu exemplo como profissional.

Agradeço aos meus colegas de curso que contribuíram para meu crescimento e amadurecimento como professora, em especial a Ariana, a Laíssa, a Amanda e a Thaís, amigas queridas e profissionais admiráveis.

Agradeço à Bruna e à Vânia pela disponibilidade em relatar suas vivências, com prontidão. Agradeço também a todas famílias educadoras que a cada dia lutam pelos seus direitos e inspiraram o presente trabalho.

“Há pessoas que desejam saber só por saber, e isso é curiosidade;
outras, para alcançarem fama, e isso é vaidade;
outras, para enriquecerem com a sua ciência, e isso é um negócio torpe;
outras, para serem edificadas, e isso é prudência;
outras, para edificarem os outros, e isso é caridade.”

Santo Agostinho

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo tratar sobre a Educação Escolar oferecida nas escolas na perspectiva de Ivan Illich no seu livro *Sociedade Sem Escolas* escrito em 1970. Prosseguindo pretende apresentar algumas características da Educação Domiciliar, que é o ensino no lar realizado e planejado pelos responsáveis da criança com a ajuda de terceiros se necessário visando proporcionar uma educação condizente com a cultura familiar na qual está inserida, em seguida traçar resumidamente um panorama desta forma de educar internacionalmente e nacionalmente, além das atuais medidas que vem sendo tomadas para sua regulamentação no Brasil. A fim de explicar a questão da socialização das crianças que passam por esta forma de educação, o trabalho dispõe uma pesquisa internacional disponibilizada em sua forma resumida pela ANED (Associação Nacional de Educação Domiciliar) sobre o tema. A metodologia da pesquisa inclui entrevistas informais com duas famílias educadoras sobre suas percepções, escolhas e rotinas dentro da Educação Domiciliar em seus lares. O trabalho nos leva a concluir que a Educação Domiciliar é uma prática válida que está buscando sua regulamentação e que esta não tem por objetivo finalizar com a Educação Escolar.

Palavras-chave: Educação Domiciliar, socialização, regulamentação do Homeschooling, Educação Escolar

ABSTRACT

The present study aims to address the School Education offered in schools from the perspective of Ivan Illich in his book *Society Without Schools* written in 1970. Continuing on, he intends to present some characteristics of Home Education, which is home teaching carried out and planned by the heads of the school. child with the help of third parties if necessary to provide an education consistent with the family culture in which it is inserted, then briefly outline a panorama of this way of educating internationally and nationally, in addition to the current measures that have been taken for its regulation in Brazil. In order to explain the

issue of the socialization of children who go through this form of education, the work has an international survey made available in its summarized form by ANED (National Association of Home Education) on the subject. The research methodology includes informal interviews with two educating families about their perceptions, choices and routines within Home Education in their homes. The work leads us to conclude that Home Education is a valid practice that is seeking its regulation and that this is not intended to end with School Education.

Key words: Home Education, socialization, Homeschooling regulation, School Education

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO EDUCAR E APRENDER NA PERSPECTIVA DE IVAN ILLICH.....	11
CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO DOMICILIAR UMA APRESENTAÇÃO	18
EDUCAÇÃO DOMICILIAR NA PRÁTICA.....	19
E A SOCIALIZAÇÃO COMO FICA?	22
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOMICILIAR.....	24
EDUCAÇÃO DOMICILIAR NO BRASIL	25
RELATOS DE DADOS	28
CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS	35
ANEXO.....	36

INTRODUÇÃO

A educação domiciliar, mais conhecida como homeschooling, é uma prática muito comum em alguns países e vem sendo demandada no Brasil atualmente por diferentes motivos, um deles pela insatisfação dos pais com algumas instituições escolares.

Sendo necessário, como educadores, refletirmos acerca dessa modalidade de educação com intuito de medir seus benefícios e prejuízos na formação de futuros cidadãos e suas práticas sociais, de trabalhadores qualificados e de educandos desenvolvidos de maneira apropriada nos saberes acadêmicos.

Venho por meio deste trabalho propor uma breve reflexão acerca do educar e aprender, considerando a prática da educação domiciliar, conhecida também por homeschooling, e suas especificidades com o objetivo de analisar, por meio de entrevistas, as falas de duas famílias educadoras para perceber como estas têm se dado.

Nesse estudo não tenho por objetivo colaborar para o término das escolas, mas sim defender o direito de os pais terem a liberdade de escolha sobre como e onde educar seus filhos, e caso estes optem pela educação domiciliar que esta possa vir a ter parâmetros educacionais que a legalizem, delimitando-a sem reprimi-la.

Sobre a metodologia utilizada no presente trabalho optei por fazer nos capítulos 1 e 2 um considerável estudo bibliográfico por meio livros e sites seguido da análise de dados composta por entrevista informal com perguntas e respostas realizadas virtualmente por trocas de e-mails escritos e áudios no celular, que foram transcritos, com duas mães educadoras. Já na conclusão expressei meus pensamentos sobre o tema após finalizar todo o trabalho de pesquisa.

CAPÍTULO 1: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO EDUCAR E APRENDER NA PERSPECTIVA DE IVAN ILLICH

Ao longo dos anos a educação é vista como uma ferramenta que define objetivos, estabelece valores e rege o futuro de toda a nação. Ferramenta essa que pode ser utilizada para reconstrução ou destruição de um povo, como vemos nos registros históricos durante o nazismo onde William L. Shirer, testemunha ocular da ascensão de Hitler, declara:

Quando um oponente declara: 'não passarei para o seu lado"', disse Hitler no discurso em 6 de novembro de 1933, "eu calmamente respondo: 'seu filho já nos pertence... E você? Você passará. Seus descendentes, entretanto, agora estão no novo campo. Em pouco tempo eles não reconhecerão nada além da nova comunidade"'. E em 1.º de maio de 1937, ele declarou: "Este novo Reich não entregará a juventude a ninguém, mas a tomará para si mesmo e lhe dará sua própria educação e seu próprio crescimento. (DeMar, 2014, p. 18)

Não venho por meio deste relato apoiar qualquer atividade nazista, pelo contrário. Venho compartilhar e propor pensarmos sobre o impacto e a influência que a educação pode ter na vida de um sujeito e na sua construção como cidadão.

Após esse relato considere interessante trazer algumas análises de Ivan Illich contidas em seu livro Sociedade Sem Escolas para repensarmos o que estamos entendendo por escola, aprendizagem e o educar. Neste livro, Illich traz vários questionamentos e gostaria de pontuar, no presente trabalho, alguns deles. A começar pela lógica da educação experimentada por Illich que também tem semelhanças com a atual educação, quando este escreve:

Alcançado isso, uma nova lógica entra em jogo: quanto mais longa a escolaridade, melhores os resultados; ou, então, a graduação leva ao sucesso. O aluno é, desse modo, "escolarizado" a confundir ensino com aprendizagem, obtenção de graus com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo novo. Sua imaginação é "escolarizada" a aceitar serviço em vez de valor (Illich, 1970, p. 16)

O estudante na instituição educacional, segundo Illich, é ensinado a tomar como importante o fim e não o processo de aprendizagem. Esse comportamento

esvazia o sentido e reduz a capacidade que a educação tem sob a vida do indivíduo. Em seus escritos, o autor deixa por escrito que tem por objetivo seu livro *Sociedade Sem Escolas*, o seguinte:

mostrar que a institucionalização de valores leva inevitavelmente à poluição física, à polarização social e à impotência psíquica; três dimensões de um processo de degradação global e miséria modernizada”,“(…)levantar uma questão de ordem geral, isto é, a definição comum de natureza humana e a natureza das modernas instituições que caracterizam nossa mundividência e linguagem. (Illich, 1970, p. 16)

Mostrando assim a ideia de que demandas não materiais (educação, saúde, mobilidade, entre outras) são transformadas, muitas das vezes, em mercadorias controladas por instituições tecnocratas, com isso:

O medicar-se a si próprio é considerado irresponsabilidade; o aprender por si próprio é olhado com desconfiança; a organização comunitária, quando não é financiada por aqueles que estão no poder, é tida como forma de agressão ou subversão. A confiança no tratamento institucional torna suspeita toda e qualquer realização independente. (Illich, 1970, p. 17)

Diante do pensamento de Illich podemos refletir sobre o quanto a escolarização já alcançou o pensamento da realidade social, à medida que vemos cada vez menos no ser humano a sua auto capacidade em educar-se, cuidar-se, organizar-se, entre outros. Resultado disso, segundo Illich, é a classificação de pobreza por meio de padrões fictícios.

Tendo uma sociedade transformado as necessidades básicas em demandas por mercadorias cientificamente produzidas, define-se a pobreza por padrões que os tecnocratas podem mudar a bel-prazer. A pobreza se aplica àqueles que ficaram aquém de algum ideal de consumo propagandizado. No México, pobres são os que não frequentam três anos de escola; em Nova York, os que não frequentam doze anos. (Illich, 1970, p. 18)

Partindo de seu contexto nos Estados Unidos, Illich fala sobre as desvantagens entre pobres e ricos dentro da escola, questionando a forma como verbas vindas do governo são implementadas nesse ambiente, muitas vezes de forma impensada ou pouco proveitosa visto que o contexto familiar no qual a criança está inserida também proporciona, ou não, educação de qualidade para

esta. Fazendo-nos questionar se para uma educação efetiva pode-se não atravessar pela família e em um investimento nesta, como vemos em sua fala.

É óbvio que mesmo com escolas de igual qualidade, uma criança pobre raras vezes poderia nivelar-se a uma criança rica. Mesmo frequentando idênticas escolas e começando na mesma idade, as crianças pobres não têm a maioria das oportunidades educacionais que naturalmente uma criança da classe média possui. Essas vantagens vão desde a conversação e livros em casa até as viagens de férias e uma diferente idiossincrasia; isto vale para as crianças que gozam disso, tanto na escola como fora dela. O estudante pobre geralmente ficará em desvantagem porquanto depende da escola para progredir ou aprender. Os pobres necessitam de verbas para poderem aprender, não para se certificarem, pelo tratamento, de suas pretensas deficiências desproporcionais. (Illich, 1970, p. 21)

Ainda sobre essa pobreza, Illich caracteriza-a como “pobreza modernizada” e segundo ele a camada da sociedade mais pobre foi ensinada a obedecer a padrões da riqueza, mas em condições de pobreza. No Brasil quando falamos sobre obrigatoriedade escolar vemos crianças que são levadas a cumprir uma carga horária escolar que nem sempre vão conseguir concluir, seja pela quantidade limitada de vagas no sistema público educacional, pela impossibilidade de financiar uma educação privada ou pela necessidade de trabalhar para seu sustento. A obrigatoriedade escolar é um direito conquistado com muita luta após anos de omissão, mas o que não pode ser negligenciado é o direito a educação seja ela no ambiente escolar ou não. Diante disso, faz sentido quando o autor esboça seu pensamento dizendo:

A escolarização obrigatória, igual para todos, deve ser reconhecida, como impraticável, ao menos economicamente. (Illich, 1970, p. 23)

Illich complementa ainda:

Nesses países a maioria já está amarrada à escola, isto é, está escolarizada num sentido de inferioridade para com os mais escolarizados. Seu fanatismo pela escola possibilita serem explorados duplamente: por um lado, permite uma crescente aplicação de verbas públicas para a educação de uns poucos; e por outro, permite uma crescente aceitação de controle social. (Illich, 1970, pp. 21-22)

Perante esse contexto, segundo Illich, a escola tira do pobre a coragem e a percepção de sua capacidade para tomar as rédeas de sua aprendizagem. E pior, a escola acaba tomando o espaço de outras instituições que poderiam assumir também esse papel educativo, sem a interferência desta. Com isso “o trabalho, o lazer, a política, a vida na cidade e mesmo a vida familiar dependem da escola, por causa dos hábitos e conhecimentos que pressupõem, em vez de converterem-se nos meios de educação.” (Illich, 1970)

De uma maneira mais ampla é possível olharmos para o sistema escolar e percebermos que este cria um ciclo contínuo não satisfatório para aqueles que nele estão inseridos, como Illich explica da seguinte forma:

Os Estados Unidos estão provando ao mundo que nenhum país pode ser suficientemente rico para manter um sistema escolar que satisfaça as demandas que este mesmo sistema cria pelo simples fato de existir; porque um sistema escolar bem-sucedido escolariza pais e alunos para o supremo valor de um sistema escolar mais amplo cujo custo aumenta desproporcionalmente quando graus mais elevados estão em demanda e se tornam mais escassos. (Illich, 1970, pp. 24-25)

Fica claro, segundo Illich, que a obrigatoriedade escolar não é um meio de uniformizar as oportunidades para uma educação de qualidade, quando este faz a seguinte ressalva: “A igualdade de oportunidades na educação é meta desejável e realizável, mas confundi-la com obrigatoriedade escolar é confundir salvação com Igreja.” (Illich, 1970, p. 25)

Illich levanta um grande apontamento quando diz:

O sistema escolar repousa ainda sobre uma segunda grande ilusão, de que a maioria do que se aprende é resultado do ensino. O ensino, é verdade, pode contribuir para determinadas espécies de aprendizagem sob certas circunstâncias. Mas a maioria das pessoas adquire a maior parte de seus conhecimentos fora da escola; na escola, apenas enquanto esta se tornou, em alguns países ricos, um lugar de confinamento durante um período sempre maior de sua vida. (Illich, 1970, p. 27)

Illich escreve ainda, que:

A maior parte da aprendizagem ocorre casualmente e, mesmo, a maior parte da aprendizagem intencional não é resultado de uma instrução programada. As crianças normais aprendem sua primeira língua casualmente, ainda que mais rapidamente quando seus pais se interessam. A maioria das pessoas que aprendem bem outra língua conseguem-no por causa de circunstâncias especiais e não de aprendizagem sequencial. Vão passar algum tempo com seus avós, viajam ou se enamoram de um estrangeiro. A fluência na leitura é também, quase sempre, resultado dessas atividades extracurriculares. (Illich, 1970, p. 27)

Segundo o autor esse é um pensamento criado pelo sistema escolar que leva tanto este quanto a nós, usuários desse sistema, a acreditar que essas conexões de aprendizagem só são possíveis graças a instituição escolar em seu formato atual e com obrigatoriedade que exige. É importante ressaltar que a aprendizagem planejada (exemplo: aprender a bordar) também pode se beneficiar da instrução planejada (exemplo: a disciplina passada por um mestre que domina a arte do bordado) e ambas precisam de aprimoramento.

A escola é ineficiente no ensino de habilidades, principalmente, porque é curricular. (...) A principal razão disso é que a escola obrigatória e a escolarização tornam-se um fim em si mesmo: uma estada forçada na companhia de professores, que paga o duvidoso privilégio de poder continuar nessa companhia. Assim como o ensino de habilidades deve ser liberto de cerceamentos curriculares, assim deve a educação liberal estar dissociada da frequência obrigatória. (Illich, 1970, pp. 31-32)

Em contrapartida Illich propõe pensarmos no seguinte modelo de aprendizagem:

A mais radical alternativa para a escola seria uma rede ou um sistema de serviços que desse a cada homem a mesma oportunidade de partilhar seus interesses com outros motivados pelos mesmos interesses. (Illich, 1970, p. 34)

Pensando em educação da seguinte forma e questionando a atual educação que nos é oferecida: "... educação para todos significa educação por todos. Não é o recrutamento para instituições especializadas que leva a uma cultura popular; mas, sim, a mobilização de toda a população. O direito igual de cada pessoa de exercer sua competência para aprender e instruir-se é, atualmente, pré-esvaziado pelos professores com certificado. Por sua vez, a competência do professor é restringida ao que é permitido fazer na escola. E mais, trabalho e lazer estão alienados um do outro..." (Illich, 1970, pp. 36-37)

“Definirei, para tanto, a ‘escola’ como um processo que requer assistência de tempo integral a um currículo obrigatório, em certa idade e com a presença de um professor” (Illich, 1970, p. 40). Essa é uma citação de Illich que compreende que a escola agrupa as crianças com base em suas idades e sustenta essa forma de agrupamento com base em três argumentos incontestáveis para esta: “O lugar das crianças é na escola. As crianças aprendem na escola. Só se pode ensinar as crianças na escola” (Illich, 1970, p. 40).

É importante lembrarmos que até pouco tempo não se tinha a visão de criança como temos atualmente e que até o século passado as crianças pertencentes às famílias da classe média alta tinham uma rotina de estudos em casa com tutores. A educação acessível aos filhos de trabalhadores das fábricas só passou a existir após a revolução industrial quando mudou-se o olhar para infância agora como uma fase importante da aprendizagem. Hoje essa visão ainda é difundida esquecendo-se por vezes das outras fases da vida em que a aprendizagem por ser alcançada.

A sabedoria institucionalizada nos diz que as crianças precisam de escola. A sabedoria institucionalizada nos diz que as crianças aprendem na escola. Mas esta mesma sabedoria institucionalizada é produto de escolas, pois o sadio senso comum nos diz que apenas as crianças podem ser instruídas na escola. Somente pela segregação dos seres humanos na categoria infantil conseguimos submetê-los à autoridade de um professor escolar. (Illich, 1970, p. 43)

Boa parte da aprendizagem se dá fora da escola pois, segundo Illich, os professores, na maioria das vezes, não conseguem apresentar o conteúdo que pretendem ensinar de forma clara ao aluno. Essa aprendizagem ocorre, em alguns casos, como mostram as pesquisas educacionais citadas por Illich em seu trabalho, que diz assim:

As pesquisas educacionais vêm, crescentemente, demonstrando que as crianças aprendem a maior parte do que os professores pretendem ensinar-lhes dos seus grupos de amigos, das histórias em quadrinhos, de observações fortuitas e, sobretudo, da mera participação no ritual escolar. (Illich, 1970, p. 43)

Ivan Illich define aprender da seguinte forma: “Aprender significa adquirir nova habilidade ou compreensão” (Illich, 1970, p. 26). Segundo este a instituição escolar não promove a aprendizagem nesse aspecto, mas sim através da instrução que para este “... é a escolha de circunstâncias que facilitam a aprendizagem” (Illich, 1970, p. 26) e ao final desse processo rotula a instrução, sem necessariamente haver ocorrido a aprendizagem, com diplomas e certificados.

Diante desse relato percebemos claramente como a educação influencia na vida daquele que a perpassa. Com o intuito de assumir por completo o controle do processo global de educação dos filhos, pais brasileiros vem se unindo para tentar uma nova abordagem na forma de educar seus filhos, sendo essa prática nomeada de Ensino Domiciliar, tentando por esse meio oferecer uma educação de qualidade e significativa. Pensando em uma visão de educação da seguinte forma:

(...) definição operacional de educação. A definição do Dicionário Webster de 1828 é bastante completa e abrangente: A criação, como de uma criança, instrução; formação da conduta. A educação compreende todas as séries de instruções e disciplinas que tencionam iluminar o entendimento, corrigir o temperamento e formar a conduta e os hábitos da juventude, e adequá-los à utilidade nas futuras posições. É importante dar às crianças boa educação na conduta, nas artes e ciências; a educação religiosa é indispensável; uma imensa responsabilidade está sobre os pais e guardiões que negligenciam esses deveres. (Schwartz, 2019)

CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO DOMICILIAR UMA APRESENTAÇÃO

Educação domiciliar, homeschooling, home education e ensino doméstico. Todos termos utilizados para nomear uma educação que é direcionada, planejada, pensada e executada em grande parte no lar, mas se pensarmos que cada família, criança e ambiente, tem sua especificidade concluímos que não há como amarrar um conceito de educação domiciliar, mas podemos encontrar orientações para famílias interessadas em estabelecer vínculos com essa forma de educar no site da ANED que é a Associação Nacional de Educação Domiciliar, que como o próprio nome diz é uma associação de grupos familiares, sem fins lucrativos.

O objetivo desta associação não é acabar com a escola, esta tem como função zelar pela autonomia e prioridade da família em escolher como será ministrada a educação dos filhos.

No site da ANED (<https://www.aned.org.br/>) encontram-se diversas orientações e informações para as famílias que desejam praticar o homeschooling. Nesta página encontra-se uma listagem do que esta associação não considera ser a prática da educação domiciliar, em que diz:

“E para começar, Educação Domiciliar não é...
...um método de ensino;
...a utilização de um material didático específico;
...o simples ato de tirar uma criança da escola;
...uma ideologia/filosofia fechada;
...foco no conteúdo;
...saber tudo para poder ensinar tudo;
...superioridade do currículo sobre o aluno;
...divisão rígida em séries e nem o ensino de matérias compartimentalizadas;
...utilizar as mesmas técnicas e equipamentos da escola;
...escola em casa” (Associação Nacional de Educação Domiciliar, s.d.)

A ANED conceitua a Educação Domiciliar como sendo “uma modalidade de educação, na qual os principais direcionadores e responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem são os pais do educando (aluno).” (Associação Nacional de Educação Domiciliar, s.d.)

Já Schwartz, uma mãe educadora há mais de vinte e cinco anos que escreve um livro com relatos e reflexões da sua experiência como tal, fala o seguinte:

“A educação domiciliar é muito mais que um método para educar crianças; é um estilo de vida. Algumas vezes leva algum tempo para que as famílias que a praticam consigam apreciar seu significado. Com o tempo, elas compreendem que a educação é parte contínua da vida, e não algo reservado para o ano escolar ou compartimentado em matérias como matemática, ciências, história ou literatura, confinadas ao horário das aulas. A natureza ampla da tarefa envolve uma visão do mundo e da vida que eleva todas as atividades a “atividades do aprendizado”, a atividades em que se aplica o que foi aprendido.” (Schwartz, 2019)

EDUCAÇÃO DOMICILIAR NA PRÁTICA

Partindo da ideia apresentada pela autora norte americana Andrea Schwartz, é importante olharmos para a Educação Domiciliar da seguinte forma:

Nunca confunda o lar em que a educação domiciliar é praticada com uma utopia ou um paraíso. A maioria dos veteranos com um ano ou mais jamais cometeriam esse erro! Simplificando: a educação domiciliar é muito parecida com todos os outros aspectos da vida. Há dias bons e ruins. Ocorrem sucessos incríveis e fracassos; na maioria das vezes, há um progresso lento e constante. (Schwartz, 2019)

Visto isso, após assumido pelos pais o completo controle do processo global de educação dos filhos, é necessário pensar como será caracterizada a educação domiciliar a ser colocada em prática.

É preciso levar em consideração diferentes formas de práticas do homeschooling visto que as especificidades de cada família, criança e ambiente são únicas, como já falamos, mas podemos destacar algumas opções para esse formato de educação que pode ser integral onde a rotina educacional é responsabilidade integral dos pais (desde de valores, condutas, formação de caráter, instrução formal e formação acadêmica) ou parcial onde pais têm em vista todos esses pontos da formação, mas também recebem ajuda de outras famílias educadoras.

No homeschooling enxerga-se que todo lugar ou experiência pode ser educativa portanto, a educação não acontece constantemente no seio familiar, mas também em passeios na vizinhança, momentos de culinária em casa ou em outros espaços, em uma ida ao mercado, entre outros.

Vemos esse exemplo no relato dado pela autora Andrea Schwartz em seu livro onde conta um pouco de sua experiência na Educação Domiciliar dos seus filhos:

Há também a flexibilidade de transformar os acontecimentos do dia a dia em experiências de aprendizado. Por exemplo, quando nosso cachorro tinha uma consulta marcada para ser castrado, perguntei ao veterinário se poderíamos entrar e observar a cirurgia. Depois de ter preparado minhas duas filhas (com 7 anos de diferença) para o que veríamos, cada uma delas teve uma experiência de primeira mão (embora com diferentes níveis de compreensão) do que implica uma cirurgia. (Schwartz, 2019)

Nesse olhar diferenciado para a educação os pais entendem que o currículo das escolas é repleto de conteúdos que por vezes não serão reutilizados ao longo da vida, conteúdos esses que muitas vezes nem os próprios dominam e que reconhecem não garantir uma educação de qualidade. Sendo importante ter em mente que para Educação Domiciliar o currículo, o cronograma e a organização são necessários, mas que estes devem ser flexíveis.

A chave para obter uma experiência bem-sucedida na educação domiciliar é não se apaixonar pelo cronograma e planejamento a ponto de não poder mudá-lo ou alterá-lo — para que ele se adeque melhor a você e aos alunos. (Schwartz, 2019)

Diante dessa reflexão os pais conseguem discernir o papel de um professor para o papel que pretendem executar na formação dos seus filhos, sendo o posicionamento de facilitador o ideal para ser executado.

O facilitador, no caso, seria um mediador entre o conhecimento e a criança. Sendo necessário que o pai ou mãe tivesse um passo a frente da criança, com relação ao conteúdo a ser ensinado, mas não obrigando a este que tenha domínio de todos os conteúdos de alguma área específica. Sempre deixando claro que a Educação Domiciliar é um processo em construção como expressa a autora Schwartz quando diz:

Por fim, deixe que seus filhos saibam quando você sentir dificuldade em algum assunto. Em vez de reduzir sua autoridade ou status diante deles, isso lhes mostrará que você está disposta a lidar com algo difícil para que eles possam aprender e dominar o assunto. Com todos os recursos disponíveis de pessoas, editores e outros pais, você não terá problema em obter respostas para suas perguntas e ajuda quando necessário. Além do mais, mostrará aos filhos-alunos a importância do objeto de estudo, pois você mesma estuda com eles. Ou, se não for capaz de dominar o assunto o suficiente para ensinar, você demonstrará interesse em procurar tutores capazes de ajudá-los. Você estará comunicando que considera os estudos deles importantes o suficiente para gastar tempo e/ou dinheiro com isso. (Schwartz, 2019)

Diante disto, é importante ter em mente que os principais aspectos a serem contemplados pelos pais ao fornecerem a educação para seus filhos são: desenvolvimento do intelecto, formação de habilidades, equilíbrio emocional, sociabilidade e espiritualidade.

Lembremos sempre que “praticar a educação domiciliar, assim, não significa somente tirar os filhos da escola. Tampouco é trazer a escola para dentro da casa.” (Associação Nacional de Educação Domiciliar, s.d.)

Este breve relato da autora Andrea Schwartz, que como dito anteriormente tem experiência de mais de vinte e cinco anos praticando o homeschooling com seus filhos, nos faz compreender um pouco como é essa prática, quando ela diz:

Entretanto, como você pretende cobrir todas as matérias com os seus múltiplos alunos e fazer tudo isso no período de seis horas que seus filhos normalmente estariam na escola? A resposta é: você não o faz! A educação domiciliar não é uma “escola ao ar livre” (como o meu filho costumava chamá-la) e não precisa seguir o método utilizado nas salas de aula tradicionais. Os alunos não precisam sentar em suas cadeiras e levantar a mão para fazer perguntas. Pausas para ir ao banheiro podem ocorrer conforme a necessidade. Se está frio e chuvoso lá fora, pijamas, pantufas e roupões são uniformes adequados. E (esta é a parte que meus filhos sempre reclamavam) se um dos seus alunos estiver se sentindo meio “indisposto”, a aula ainda pode acontecer — possivelmente na frente da TV assistindo a vídeos de ciência ou de história ou lendo na cama. (Schwartz, 2019)

Por fim, é importante que os pais tenham em mente que a Educação Domiciliar não é um pacote fechado, mas pode ser readaptado de aluno para aluno.

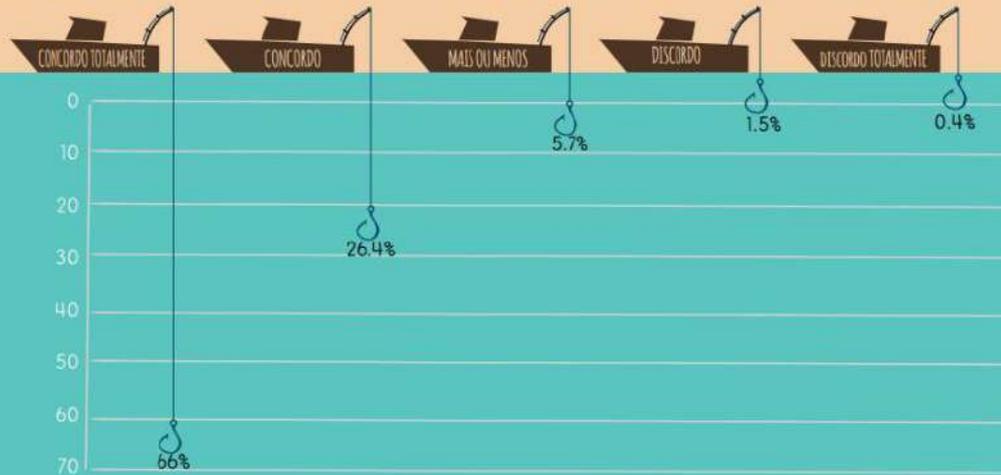
Além disso, não se apaixone por todas as decisões que tomar. Sinta-se livre para rever e renovar conforme a necessidade. O que funciona com uma criança, não vai necessariamente funcionar com outra. O estilo de aprendizado apropriado em um ano pode muito bem mudar à medida que a criança amadurece. Seja flexível com os detalhes, mas seja firme com o objetivo. (Schwartz, 2019)

E A SOCIALIZAÇÃO COMO FICA?

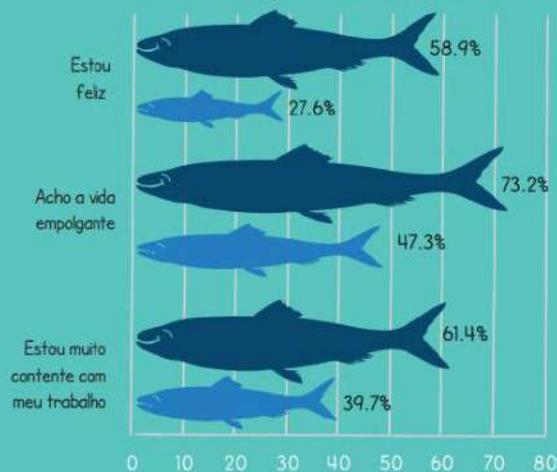
Muitos se perguntam como fica a questão da socialização na Educação Domiciliar, visto que tem-se a percepção equivocada de pelo nome ser composto do termo “domiciliar” ela teria somente seu desenrolar dentro de casa, mas como vimos anteriormente o homeschooling crê que toda experiência pode ser educativa, tanto observar um percevejo no quintal quanto uma ida ao um museu, por exemplo.

A questão da socialização é tão usada como desculpa para não aceitação da educação domiciliar que levou a ANED ter uma aba em seu site somente sobre o tema, onde é divulgado um estudo com dados colhidos de *Homeschooling Grows Up*, resumido e disponibilizado pela HSLDA (*Home School Legal Defense Association*), de uma pesquisa do dr. Brian D. Ray publicada em 2003 com título “O mito da socialização” e nesta pesquisa vemos o gráfico a baixo:

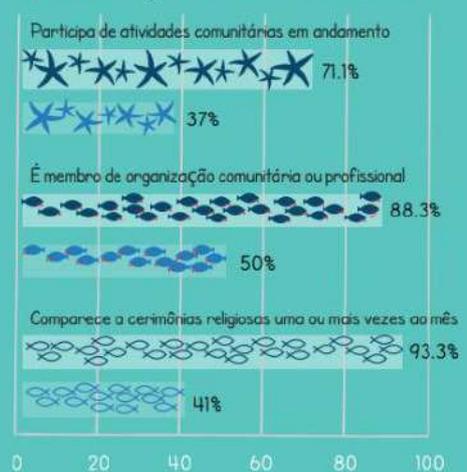
TER SIDO ESCOLARIZADO EM CASA É UMA VANTAGEM PARA MIM COMO ADULTO



SATISFAÇÃO COM A VIDA



RETRIBUIÇÃO À COMUNIDADE



PARTICIPAÇÃO NA SOCIEDADE



Retirado do Site da ANED

(<https://www.aned.org.br/conheca/socializacao>) visualizado dia 02/06/2020.

Observamos nesse gráfico que 66% dos entrevistados afirmam que ter sido educado em casa é uma vantagem para sua formação como adulto. É mostrado também a satisfação por parte dos sujeitos com relação à vida e ao trabalho que tem.

Outro tópico mostra a socialização dos entrevistados a participação em atividades comunitárias, 71,1% participam de alguma. Já 88,3% dos participantes dizem ser membros de organizações comunitárias ou profissionais. E por fim a pesquisa mostra, com relação a socialização, que 90,3% dos entrevistados que tiveram uma educação pelo homeschooling usaram a biblioteca pública ou participou de um clube de leitura no último ano.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOMICILIAR

A educação domiciliar ressurgiu na década de 70 através de um movimento de reforma da educação nos Estados Unidos, proposto pelo professor e escritor norte americano John Holt utilizando o termo “unschooling” que traduzido significa desescolarizar.

Inspirado em Ivan Illich e sua obra Sociedade Sem Escolas, o Holt defendia a ideia de que a escola precisava se tornar um espaço onde a criança poderia ser estimulada a aprender de forma lúdica, desenvolvendo-se conforme sua curiosidade e vivências. Ao final da década de 70, Holt acabou desistindo das tentativas de transformar a prática escolar e passou a defender a educação domiciliar, longe dos problemas e vícios presentes nas instituições escolares.

As ideias propostas por Holt encorajaram muitos pais a se tornarem “homeschoolers”, praticantes do ensino domiciliar. Foi quando na década de 80 o movimento ganhou força quando milhares de famílias e comunidades aderiram a essa modalidade de educação no EUA, relacionado ao crescimento da violência nas escolas e o caimento do ensino escolar.

Segundo dados do site da ANED, atualmente a Educação Domiciliar é regulamentada em 60 países nos 5 continentes entre eles Finlândia, Austrália, Estados Unidos da América, Canadá, Rússia, África do Sul, entre outros, sendo a Alemanha o único local que deixa expressa a proibição desta prática.

EDUCAÇÃO DOMICILIAR NO BRASIL

Nos anos 90 surge a educação domiciliar no Brasil sendo praticada por poucas famílias de maioria estrangeira. Surge então em dezembro de 2010 a ANED (Associação Nacional de Educação Domiciliar) em Belo Horizonte, formada por um conjunto de pais que se reuniam para discutir sobre suas insatisfações relacionadas à educação que seus filhos estavam recebendo nas escolas. Esses pais se reuniram em formato de associação e começaram sua luta para criar pautas de reivindicações na expectativa de alcançar regulamentação para o homeschooling, além de reconhecimento do direito da família em escolher o tipo de educação a que mais se adequa.

Antes disso um projeto de Lei nº 4657 de 1994 surge visando regulamentar esse modelo de educação para o ensino fundamental, mas não foi aprovado.

Em 2001, 2002, 2003, 2008, 2009, surgem novos projetos de lei, porém todos foram negados. Novamente em 2012, 2015, 2017, 2018 e 2019 todas essas propostas ainda estão em andamento, em especial o projeto de lei 3179 de 2012, do Deputado Lincon Portela de Minas Gerais, que tramita com vigor até hoje na câmara dos deputados. Esse é o cenário de tentativas de regulamentação do homeschooling, totalizando um histórico de Projetos de Lei e PEC (Projeto de Emenda à Constituição) no Congresso há mais de 25 anos.

Em 2018 que o STF (Supremo Tribunal Federal) decidiu que não há inconstitucionalidade na prática do homeschooling e que para ser exercido precisa de regulamentação em forma de lei com parâmetros de funcionamento, que a ANED especificaram da seguinte forma: garantia da liberdade educacional; igualdade de direitos entre estudantes; cadastro de opção pelo homeschooling; sistema avaliativo e certificador; condicionamentos específicos. Tanto CF (Constituição Federal) no art. 205 a 214, quanto a LDB 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) não mencionam a educação domiciliar, mas deixam claro que a educação deve ser provida pela família e pelo Estado, conforme podemos analisar:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da

sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CF – grifou-se).

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (LDB – grifou-se).

É importante salientar também que com relação a prioridade na educação dos menores de idade, segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos – ONU e o Código Civil, estes declaram:

3.Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos (artigo XXVI – grifou-se da Declaração Universal de Direitos Humanos - ONU).

Art. 1.634. Compete aos pais, quanto à pessoa dos filhos menores:

I - dirigir-lhes a criação e educação (grifou-se do Código Civil);

Sendo assim, os pais/responsáveis têm como dever educar e dirigir a educação de seus filhos utilizando os métodos que considerarem mais pertinentes. Dessa mesma forma o Estado somente pode tomar para si a educação de crianças menores em casos em que a família não quer ou não pode desenvolver a educação no lar.

Foi aberto também um processo de tema 822 “Possibilidade de o ensino domiciliar (homeschooling), ministrado pela família, ser considerado meio lícito de cumprimento do dever de educação, previsto no artigo 205 da Constituição Federal” do Relator Ministro Roberto Barroso tramita no STF (Supremo Tribunal Federal) com o intuito de regulamentar a Educação Domiciliar no Brasil. Segundo uma reportagem no site R7, visando o mesmo objetivo, uma medida provisória está para ser editada pela ministra Damare Alves do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. (R7 Notícias, 2019)

Com a pandemia do Coronavírus (COVID-19) muitas escolas tiveram suas aulas suspensas pelo risco de contaminação e com o isolamento este assunto ganhou novo fôlego em Brasília, falando-se de um possível aceleração na aprovação do homeschooling. A ANED (Associação Nacional

de Educação Domiciliar) escreveu em seu site uma nota de esclarecimento no dia 2 de abril de 2019 onde fala sobre a informação de uma possível Medida Provisória para regulamentação do Homeschooling, mas que nada ainda havia sido confirmado e a qualquer possibilidade de aprovação do homeschooling a associação atualizaria a todos os interessados. Dados atualizados mostram que o município de Vitória (em Espírito Santo) é o primeiro a regulamentar o homeschooling, em seguida Santa Catarina também teve sua aprovação e Cascavel (no Paraná) está caminhando para essa aprovação.

Sendo importante levarmos em consideração a fala de alguns pais para que o homeschooling não seja confundido com isolamento social ou meramente a escola em casa, visto que esta prática é composta por diversas atividades planejadas ao ar livre em idas a museus, encontros de famílias praticantes, entre outros.

RELATOS DE DADOS

Com finalidade de tornar mais visível o que é o homeschooling em sua prática, foram direcionadas perguntas para duas famílias educadoras que praticam e praticaram a educação domiciliar, neste capítulo serão realizadas análises dos dados obtidos através das falas de duas mães educadoras, a B. que tem uma página no Instagram “mamãe por vocação” onde divulga sua experiência no Homeschooling atualmente com suas duas filhas, uma com cinco e outra com quatro anos, e a V. que foi mãe educadora de suas duas filhas, agora com trinta anos a mais velha e vinte e um anos a mais nova, também ex-aluna da pedagogia na UFRJ e que escreveu um brilhante trabalho de conclusão de curso sobre o mesmo tema. Nos parágrafos seguintes pretendo expor a fala de cada representante da família formando um paralelo ou não entre suas respostas, mas o questionário na íntegra ficará disponível em anexo.

Para início de conversa achei necessário perguntar porque adotaram o homeschooling e não outra prática. A B. elencou diferentes motivos: “por achar que poderia ser uma educação acadêmica melhor” dentro da educação clássica que é o método que agrada a família, a questão financeira pois “as escolas são muito caras... a gente não queria que isso impedisse a gente de dar uma boa educação pras crianças”, por acreditar que a escola compulsória tem uma agenda esquerdista e Marxista que vai contra as crenças da família, por querer dar aos filhos um “estudo pessoal que visa cada criança ser tratada de forma individual e não como uma massa”, também pela questão religiosa da família pois acredita que “a educação ela sempre tem um viés e a gente gostaria de passar isso através do cristianismo com essa cosmo visão” e por fim para que o vínculo familiar fosse mantido “esse é o nosso maior objetivo estar unindo os irmãos e unindo a família”. As razões pelas quais a V. adotou o homeschooling não se diferem muito, são elas: “achei o método fantástico, permitindo às crianças crescerem mais perto de seus pais, aprenderem segundo seus interesses, romperem com os limites impostos pela escola”, além de despreparo da escola pública em educar “na época (e ainda hoje) aonde eu residia (cidades grandes)”, falta de condições financeiras para pagar uma boa instituição particular, também “não queria minhas filhas aprendendo um monte de coisas

na escola que iam contra os valores e princípios que queria lhes dar de base” e por fim com intuito de protegê-las das drogas, violência e outros comportamentos ruins além de uma sexualidade precoce.

Em um segundo momento considerei interessante saber como foi a educação dessas mães que hoje praticam o homeschooling com seus filhos. A V. informou que quando praticou o homeschooling, com suas duas filhas, tinha o segundo grau completo e já havia cursado dois anos de arquitetura na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), mas segundo ela abandonou o curso por não ter gostado. Com relação a sua educação anterior ela diz: “Uma curiosidade: embora eu tenha frequentado a escola dos 6 aos 16 anos, fui albetizada pela minha mãe, que foi professora rural em Minas Gerais, e depois professora daquele Estado.” Depois que sua filha mais nova cresceu, a V. teve a oportunidade de retornar aos estudos e se formou em 2017 no curso de pedagogia na UFRJ com sanduíche pelo Erasmus Mundus na Universidade de Uppsala Suécia e hoje é psicopedagoga e faz mestrado em educação na UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) e segundo a própria sua motivação teria sido “O que me levou a estudar Pedagogia foi justamente minha trajetória como mãe educadora. “Família Educadora” é um termo que as famílias que fazem Homeschooling se autodenominam aqui no Brasil.” Ao fazer a mesma pergunta para B. esta respondeu que não foi educada pela família no lar, mas como a própria conclui “tive educação tradicional” por ter estudado em “colégio tradicional” durante o ensino fundamental e médio, além disso cursou quatro anos de graduação na Universidade Federal de Santa Catarina, porém não concluiu visto que no final da faculdade se casou.

Diante dessas informações perguntei sobre os filhos, como estes aderem ao homeschooling. Segundo a B., suas duas filhas (tendo ela quatro filhos no total, mas os dois mais novos ainda não têm idade para o homeschooling) abraçaram muito bem essa prática e a razão disso segundo ela é “porque quem ensina é a mãe, no caso sou eu, tudo de uma forma bastante amorosa” e também pelo prazer de estar em família e em casa, exemplifica o quão agradável é para as filhas estar aprendendo em casa da seguinte forma “toda vez que a gente comenta sobre as outras crianças que vão pra escola ou se elas iriam, elas não expressão esse desejo, porque não gostariam de ficar longe da sua família, longe dos seus irmãos, eles são bem unidos”. Na experiência da V., um pouco

diferente visto que suas filhas já passaram pelo homeschooling, esta optou por mostrar o êxito do homeschooling através das conquistas acadêmicas delas por vivenciarem esta prática. Segundo a V., sua filha mais velha é “formada em Design Gráfico e com MBA em Marketing Digital, nunca frequentou a escola, fala 3 idiomas. Sua primeira sala de aula formal foi na Universidade”, já a mais nova é “graduanda em Ciência da Computação, estagiária da OLX e Microsoft. Fala inglês fluente”.

Em seguida procurei saber como era a prática do homeschooling com relação a rotina da V. com suas filhas e conforme ela “Minhas filhas acordavam, tomavam café, faziam uma tarefa para ajudar na limpeza/organização da casa (louça do café, varrer a sala, arrumar o quarto, etc) depois se sentavam na nossa “escolinha”, um espaço com mesa, cadeiras, prateleira cheia de livros, computador, mapas, brinquedos e jogos, TV e vídeo cassete. Ali começavam suas atividades diárias, geralmente umas 2 horas de trabalho. Por volta das 11 horas, saíam para o quintal para brincar. Almoçavam, descansavam (quando liam ou brincavam em seus quartos), lanchavam, estudavam por mais umas 2 horas. À tardinha, faziam atividades variadas” a mais velha “participava de um coral que cantava para instituições sociais, e também em hotéis, restaurantes, festas, etc.” e a mais nova “fez dez anos de bale e dois anos de escolinha de futebol” relata ainda que depois que se mudaram para o Recreio, bairro da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, frequentavam bastante a praia para jogar peteca e frescobol, pois a atividade física era considerada muito importante na rotina da família e conclui “Estou resumindo, é claro que no decorrer dos anos, houve muitas variações”.

Para a B. que ainda pratica o homeschooling, com suas filhas, perguntei com é a rotina e esta iniciou sua fala dizendo “eu digo sempre que o homeschooling é um estilo de vida, então não é só aquele momento que eu sento ali pra alfabetizar, pra treinar caligrafia, mas a todo momento a gente tá atento, como pais, daquilo que a gente pode ensinar pras crianças” e deu como exemplo um momento em que esta cozinhando e há um interesse por parte de suas filhas sobre algum tipo de vegetal, a partir disso ela ensina as crianças, ali mesmo na cozinha, sobre o ciclo da vida dos vegetais e plantas ou quando as crianças observam com curiosidade um percevejo ou outro inseto no quintal, então juntas elas pesquisam, estudam, conversam e olham para aquele animal para aprender

mais sobre. A B. foi enfática ao afirmar que “existem vários momentos educativos ao longo do dia”, mas também esclarece que seguem uma rotina mais formal na parte da tarde, após a soneca das crianças por volta das três, três e meia da tarde, quando “Elas sentam na mesa comigo, uma mesa grande, então elas sentam ali pra gente fazer as atividades que tem propostas: alfabetização, matemática, caligrafia, leitura, leitura em voz alta, música, arte, memorização não já foi poesia, enfim, tem algumas disciplinas ali que a gente estuda diariamente e tem aquelas que elas estudam no currículo Classical Conversations” que definiu como sendo “uma comunidade que a gente se reúne toda sexta-feira com outras famílias educadoras, baseadas nesse currículo, que é um currículo americano, mas que veio pro Brasil já tá traduzido inclusive, e aí toda sexta-feira de manhã a gente se reúne a tutora passa o conteúdo pras crianças, os pais ficam junto na sala de aula, aprendem aquele conteúdo pra durante a semana repetir com a criança, além disso eles fazem uma apresentação individual toda sexta-feira pra turma, então também é um momento que a gente ensaia essa apresentação... que pode ser sobre o tema que a criança escolher, então vamos supor estamos estudando, nessa semana a gente leu sobre história “Rápido como uma gafanhoto” e ela gostou muito da história e queria contar a história pros amigos, então ela fala, ou então essa semana a gente viu uma borboleta saindo dum casulo, então a gente que levar isso lá na aula, no Classical, mostrar pros amigos o casulo ou contar sobre o ciclo de vida da borboleta, alguma coisa assim.” Sobre o estudo explica que segue as disciplinas que ela e o marido planejaram para o currículo anual, em momentos formais de uma hora e meia a duas horas por dia onde cada filha tem seu material e a mãe educadora vai auxiliando na realização das tarefas, uma curiosidade é que elas usam um cronometro “pra cronometrar mais ou menos dez a dose minutos pra cada disciplina diária, então geralmente são cinco disciplinas só que daí contando o tempo de transição entre uma e outra, então as vezes a gente se estende, como em um jogo, matemática a gente usa muitos jogos, blocos lógicos, as vezes acaba estendendo um pouquinho por isso que o tempo da aula fica esse, são duas ao mesmo tempo, uma fica de um lado e a outra do outro e assim a gente vai trabalhando”.

Por fim perguntei se para praticar o homeschooling elas tinham buscado apoio ou direcionamento em algum lugar. A B. garante que buscou

direcionamento em diversos cursos presenciais e virtuais ao afirmar “fiz vários cursos: alfabetização, curso de matemática do método de Singapura, curso do método da Charlotte Mason, fiz o curso do Classical Conversations de tutoria” complementa sustentando que “busco bastante informação em livros, estudo, leio, me informo, assisto vídeos, converso com outras famílias educadoras pra ver como que elas tão aplicando isso ou aquilo na casa delas, como que tá funcionando” e conclui dizendo “acho que é bem necessário, a gente não tem como tirar nada da nossa própria cabeça, não é nenhuma ideia inovadora, ou alguma coisa inédita, tudo vem de algum estudo feito por outras pessoas, por outras famílias que tem essa experiência, que estudaram, estão a frente e é nesses estudos e com essas pessoas que a gente vai buscando embasamento pra dar prosseguimento à educação das meninas. A educação clássica, por exemplo, é um modelo que tá aí desde Aristóteles, desde Platão, um modelo bem antigo de educação e que dá um grande embasamento pra nós”.

Já a V. relata que na década de 90 participou “de um movimento missionário cristão de base norte-americana, mas que recebia aqui no Brasil missionários de outras partes também como da Europa e da Ásia” tendo nesse encontro por meio desse grupo seu primeiro contato com a educação domiciliar, nele participou de forma ativa em suas atividades e ajudou a elaborar pequenos grupos de estudos domiciliares, com duas a seis crianças em média e comenta “Não sei se teria tido condições de abraçar totalmente o método sem fazê-lo junto com estas outras famílias e dividirmos as tarefas, o ensino, o cuidado geral das crianças, tudo em prol de oferecer a elas uma boa educação enquanto nos dedicávamos também as nossas outras atividades”.

CONCLUSÃO

Após termos um panorama da educação domiciliar quanto a sua definição, sua prática singular em cada família, veremos brevemente uma pesquisa internacional sobre socialização no homeschooling, seu breve histórico mundial e seu desenrolar no cenário brasileiro, e por fim, mas não menos importante, os relatos de duas famílias educadoras que trazem experiências distintas, um de uma mãe que colocou em prática o homeschooling e já colhe grandes frutos dessa prática e outra de uma mãe que ainda busca diariamente esses frutos, venho por meio desta conclusão pontuar percepções pessoais como educadora acerca do homeschooling.

Em todo momento percebi um constante esforço por parte das famílias educadoras e da própria ANED em assegurar que a proposta do homeschooling não tem por finalidade acabar com a escola, mas sim dar aos pais a opção de educar seus filhos dentro do viés que agrada a família. Considero que, como educadores preocupados com a educação dada aos nossos possíveis alunos, devemos reconhecer a importância de termos a cada dia mais pais empenhados em contribuir com uma educação de qualidade para seus filhos.

Com relação a super proteção e socialização das crianças alvos da educação domiciliar, não considero este um motivo para impedimento da prática, visto que como o estudo da HSLDA, apontado anteriormente no presente trabalho, mostra que os adultos tiveram essa forma de educação concluem que não encontraram dificuldades relacionadas a essa área da vida social, participando atualmente de organizações comunitárias e/ou profissionais, frequentando cerimônias religiosas, indo às bibliotecas públicas ou ainda participando em clube de leitura. Vejo nos dois relatos das famílias educadoras a dedicação em proporcionar aos filhos momentos de lazer e socialização, com outros familiares, com as pessoas que têm a mesma crença e até com estrangeiros.

Quanto ao sistema educacional o ideal seria todas as crianças terem acesso a uma educação pública e de qualidade, porém nosso sistema educacional público atualmente está abarrotado com muitas crianças, professores sobrecarregados e uma infraestrutura mínima, muitas vezes

beirando ao precário, como vemos na matéria disponível no site da Uol que diz assim:

O Brasil possui um dos maiores números de alunos por sala de aula no ensino médio entre mais de 60 países analisados no estudo *Políticas Eficazes para Professores: Compreensões do PISA*, publicado nesta segunda-feira pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Segundo a OCDE, é preciso reduzir o tamanho da sala de aula e aliviar a carga horária de ensino do professor, ampliando dessa forma o tempo que ele passa preparando aulas, em orientação pedagógica (tutoria) ou atividades de desenvolvimento profissional. E, para isso, uma solução seria aumentar o número de professores. No Brasil, problemas de salas de aula lotadas, jornadas duplas de trabalho, com carga horária excessiva, são enfrentados por muitos professores e provocam desgastes em relação à profissão. (Fernandes, 2018)

Com a educação domiciliar em vigor os pais que puderem e desejarem tomar as rédeas da educação de seus filhos, ajudarão a talvez diminuir pontualmente a demanda escolar para que esta possa se dedicar com mais tranquilidade e qualidade a educação dos alunos.

Espero que o presente trabalho desmistifique a ideia de que a educação domiciliar é um rival para a educação escolar, mas que ambas podem ser aliadas buscando um bem comum para a vida dos sujeitos educandos.

REFERÊNCIAS

- Associação Nacional de Educação Domiciliar. (s.d.). *ANED - Associação Nacional de Educação Domiciliar*. Fonte: <https://www.aned.org.br/educacao-domiciliar/ed-sobre/ed-conceito>
- DeMar, G. (2014). *Quem controla a escola governa o mundo*. Brasília: Editora Monergismo.
- Fernandes, D. (12 de Junho de 2018). *News Brasil*. Fonte: BBC: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44436608>
- Illich, I. (1970). *Sociedade Sem Escolas*. (L. M. Orth, Trad.) Petrópolis: Editora Vozes.
- R7 Notícias. (6 de Fevereiro de 2019). *R7*. Acesso em 18 de Fevereiro de 2019, disponível em R7: <https://noticias.r7.com/educacao/mp-do-ensino-domiciliar-deve-ser-editada-ate-15-de-fevereiro-06022019>
- Schwartz, A. (2019). *Lições aprendidas em anos de educação domiciliar: Uma mãe cristã compartilha suas experiências em mais de 25 anos ensinando seus filhos*. Brasília, DF: Editora Monergismo.

ANEXO

Entrevista com B.:

Perguntas:

1. Porque escolheu o Homeschooling e não outra prática?
2. Sua educação foi por Homeschooling?
3. Seus filhos aderem bem a essa prática?
4. Como funciona o Homeschooling na sua casa? As crianças tem uma rotina? Qual?
5. Buscou algum apoio ou direcionamento por fora? Onde?

Respostas:

1. “A gente optou pelo homeschooling primeiro por achar que poderia ser uma educação acadêmica melhor. A gente pensou assim, em oferecer o que tivesse de melhor pra a educação das crianças. Então a gente vê que muitos colégios tem métodos que não são eficazes, por exemplo, de leitura, também da matemática. Outra questão é que é difícil de encontrar escolas com a educação clássica, como método e a gente gostou muito da educação clássica. Depois tem a questão financeira, as escolas são muito caras, as escolas custam dinheiro e ai a gente não queria que isso impedisse a gente de dar uma boa educação pras crianças. Tem a questão ideológica, a gente vê claramente como a escola obrigatória compulsória, ela tem toda uma agenda por trás de ensino das crianças, uma agenda esquerda, Marxista que coloca em cheque todas as disciplinas, não é só história e geografia que ficam afetados por uma visão Marxista de mundo, mas todas as outras disciplinas como o ensino da língua portuguesa, por exemplo, que vem com essa história de letramento e tudo mais que não é eficiente pra que os alunos aprendam a ler e escrever, então também por essa questão de ideologia a gente não gostaria que as nossas crianças fossem pra escola. Mas um outro ponto também é a questão de personalidades, de um estudo pessoal que visa cada criança ser tratada de forma individual e não como uma massa, a escola muitas vezes ela precisa dessa homogeneidade na turma, é uma série que tem lá uma idade, com uma finalidade e pra essa idade é passado o certo conteúdo e ai ele não vai nem a mais, nem a menos. Fica tentando colocar todo mundo na média, todo mundo medíocre, mediano e acaba que os que tem mais dificuldade não conseguem muitas vezes resolver as suas dificuldades e os que poderiam ter um potencial maior acabam sendo freados pra que atendam os tem mais dificuldade. Então quando a gente tá em casa lidando com um a um, a gente consegue desenvolver cada um nas suas potencialidades, nas suas dificuldades e potencialidades, consegue atender. Outra coisa também que a gente

consegue fazer, de forma pessoal, é moldar a metodologia que a gente vai usar, então esse é mais um motivo. Por último também tem a questão religiosa, a educação ela sempre tem um viés e a gente gostaria de passar isso através do cristianismo com essa cosmo visão, então o estado diz que a educação é laica, mas na verdade ela é ateuísta, assim ela passa todo conteúdo partindo do pressuposto que Deus não existe, o deus que existe é a ciência, a ciência ficou no lugar de Deus, então a gente não deseja isso pras nossas filhas, a gente crê que existe um Deus, existe um designe inteligente e quer passar pras crianças então.

2. Não. Eu estudei na escola, colégio tradicional durante todo o Ensino Fundamental e Médio e cursei quatro anos de Ensino Superior em universidade pública, na Universidade Federal de Santa Catarina, não me formei porque eu casei no final da faculdade e ai não conclui, mas enfim tive educação tradicional.
3. Totalmente, assim as meninas são pequenas ainda então um último ponto até sobre o porque a gente escolheu o homeschooling é para que o vínculo familiar fosse mantido, porque a escola ela acaba de uma forma ou de outra seja pelo tempo que a criança passa fora de casa, seja pela lealdade que ela precisa ter com alguém de fora do lar, que é o professor, tanto por uma forma quanto de outra acaba quebrando um pouco desse vínculo ou totalmente ao longo dos anos, então pra que esse vínculo fosse mantido e as crianças continuassem com essa lealdade, esse amor, essa admiração para os da família, os pais e os irmãos, então também foi nossa escolha e por conta disso também eles aderem bem ao homeschooling, porque quem ensina é a mãe, no caso sou eu, tudo de uma forma bastante amorosa, a gente tá junto, faz parte do nosso dia a dia, elas ficam ali junto comigo, aprendendo seja na hora da aula, seja fora em outros momentos do dia, então pra elas é um prazer tá em casa e toda vez que a gente comenta sobre as outras crianças que vão pra escola ou se elas iriam, elas não expressão esse desejo, porque não gostaria de ficar longe da sua família, longe dos seus irmãos, eles são bem unidos e esse é o nosso maior objetivo estar unindo os irmãos e unindo a família.
4. Então, funciona da seguinte maneira a gente, eu digo sempre que o homeschooling é um estilo de vida, então não é só aquele momento que eu sento ali pra alfabetizar, pra treinar caligrafia, mas a todo momento a gente tá atento, como pais, daquilo que a gente pode ensinar pras crianças, então de repente a gente tá ali cozinhando e surge um interesse sobre algum vegetal ou sobre alguma planta, então a gente vai conversar ali mesmo na cozinha sobre como que as plantas nascem, o ciclo de vida, ou se elas estão brincando e de repente descobrem no quintal um percevejo ou uma abelha e elas tem curiosidade sobre aquilo, então a gente vai lá, vai estudar, vai conversar sobre o animal, vai ver aquilo, então existem vários momentos educativos ao longo do dia então não é só uma questão de sentar e estudar, mas a gente tem uma rotina mais formal, digamos assim pra esse caso, que é o período da tarde as meninas sentam pra estudar, logo após a soneca da tarde lá por voltar das três, três e meia. Elas sentam na mesa comigo, uma mesa grande,

então elas sentam ali pra gente fazer as atividades que tem propostas: alfabetização, matemática, caligrafia, leitura, leitura em voz alta, música, arte, memorização não já foi poesia, enfim, tem algumas disciplinas ali que a gente estuda diariamente e tem aquelas que elas estudam no currículo Classical Conversations, que é uma comunidade que a gente se reúne toda sexta-feira com outras famílias educadoras, baseadas nesse currículo, que é um currículo americano, mas que veio pro Brasil já tá traduzido inclusive, e aí toda sexta-feira de manhã a gente se reúne a tutora passa o conteúdo pras crianças, os pais ficam junto na sala de aula, aprendem aquele conteúdo pra durante a semana repetir com a criança, além disso eles fazem uma apresentação individual toda sexta-feira pra turma, então também é um momento que a gente ensaia essa apresentação. Continuando... As crianças se apresentam de forma individual toda sexta-feira no Classical Conversations, então é um momento da gente treinar também essa apresentação que pode ser sobre o tema que a criança escolher, então vamos supor estamos estudando, nessa semana a gente leu sobre história "Rápido como uma gafanhoto" e ela gostou muito da história e queria contar a história pros amigos, então ela fala, ou então essa semana a gente viu uma borboleta saindo dum casulo, então a gente que levar isso lá na aula, no Classical, mostrar pros amigos o casulo ou contar sobre o ciclo de vida da borboleta, alguma coisa assim. Então a nossa rotina é estudar essas disciplinas, mas as disciplinas que a gente planejou, eu e meu marido, pro currículo anual. A gente estuda por volta de uma hora e meia, mais ou menos duas horas por dia com as crianças, com as meninas, eu tenho uma de cinco e uma de quatro anos, a pequena fica ali por perto que tem dois anos, ela observa um pouco mas fica mais brincando, passeando, porque ela não tem muita idade pra tá fazendo o exercício. Então as outras duas cada uma tem o seu material e eu vou auxiliando, ensinando e vou auxiliando ali na realização das tarefas, a gente usa um cronometro pra cronometrar mais ou menos dez a dose minutos pra cada disciplina diária, então geralmente são cinco disciplinas só que daí contando o tempo de transição entre uma e outra, então as vezes a gente se estende, como em um jogo, matemática a gente usa muitos jogos, blocos lógicos, as vezes acaba estendendo um pouquinho por isso que o tempo da aula fica esse, são duas ao mesmo tempo, uma fica de um lado e a outra do outro e assim a gente vai trabalhando, essa é a nossa rotina.

5. Sim, busquei algum direcionamento por fora sim, fiz vários cursos: alfabetização, curso de matemática do método de Singapura, curso do método da Charlotte Mason, fiz o curso do Classical Conversations de tutoria, enfim, vários cursos aí que tem disponíveis na internet, eu fiz alguns online, alguns presencial, busco bastante informação em livros, estudo, leio, me informo, assisto vídeos, converso com outras famílias educadoras pra ver como que elas tão aplicando isso ou aquilo na casa delas, como que tá funcionando, então acho que é bem necessário, a gente não tem como tirar nada da nossa própria cabeça, não é nenhuma ideia inovadora, ou alguma coisa inédita, tudo vem de algum estudo feito

por outras pessoas, por outras famílias que tem essa experiência, que estudaram, estão a frente e é nesses estudos e com essas pessoas que a gente vai buscando embasamento pra dar prosseguimento à educação das meninas. A educação clássica, por exemplo, é um modelo que tá aí desde Aristóteles, desde Platão, um modelo bem antigo de educação e que dá um grande embasamento pra nós.

Entrevista com a V.:

Perguntas:

1. Porque escolheu o Homeschooling e não outra prática?
2. Sua educação foi por Homeschooling?
3. Seus filhos aderem bem a essa prática?
4. Como funciona o Homeschooling na sua casa? As crianças tem uma rotina? Qual?
5. Buscou algum apoio ou direcionamento por fora? Onde?

Resposta da V.:

“Oi, Rebecca

Para me facilitar, estou te enviando a cópia de uma entrevista que fiz para outra pesquisadora. Acho que vai responder a maior parte das suas perguntas.

1. Qual seu nome?
2. Qual sua idade?

(Relacionado a pergunta 2) 3. Descreva, brevemente, sua trajetória de estudos escolarizados.

(Relacionado a pergunta 3) 4. Filhos: nomes e idades.

(Relacionado a pergunta 1) 5. Liste os principais motivos pelos quais decidiu ensinar em casa.

6. Como os outros, especialmente outras mulheres, reagem à sua escolha?

7. Como você vê a questão da independência e autonomia da mulher diante desse novo/velho papel feminino?

8. Descreva, brevemente, como aconteceu o processo para a decisão/opção por educar em casa.

(Relacionado a pergunta 5) 9. Você conta com a cooperação de outras pessoas nessa “tarefa”? Como ocorre?

(Relacionado a pergunta 4) 10. Relate seu cotidiano.

11. Espaço livre para você se expressar e dizer o que me faltou te perguntar, mas que você considere importante...

Respostas:

1. Meu nome é Vania Carvalho, 53, 2 filhas, hoje com 21 e 30

2.

3. Quando fiz Homeschooling com minhas filhas, tinha o segundo grau completo, havia cursado 2 anos de Arquitetura na UFRJ, mas não gostei do curso e parei. Uma curiosidade: embora eu tenha frequentado a escola dos 6 aos 16 anos, fui albetizada pela minha mãe, que foi professora rural em Minas Gerais, e depois professora daquele Estado. Depois que minha filha mais nova já estava grande, tive uma oportunidade de voltar a estudar, e completei o curso de Pedagogia na UFRJ em 2017, com sanduíche pelo Erasmus Mundus na Universidade de Uppsala, Suécia, hoje sou Psicopedagoga e faço mestrado em Educação na UNIRIO. O que me levou a estudar Pedagogia foi justamente minha trajetória como mãe educadora. “Familia Educadora” é um termo que as famílias que fazem Homeschooling se autodenominam aqui no Brasil.

4. Mariane Marchioro, 30 anos, formada em Design Gráfico e com MBA em Marketing Digital, nunca frequentou a escola, fala 3 idiomas. Sua primeira sala de aula formal foi na Universidade. Carolina Marchioro, 21, graduando em Ciência da Computação, estagiária da OLX e Microsoft. Fala inglês fluente.

5. Dentre algumas das razões que me levaram a escolher a educação domiciliar: achei o método fantástico, permitindo às crianças crescerem mais perto de seus pais, aprenderem segundo seus interesses, romperem com os limites impostos pela escola (seja no conteúdo, ou no tempo desperdiçado em sala de aula ou na ineficácia em desafiar outros talentos que não os valorizados pelo conhecimento escolar); 2) o total despreparo da escola pública para bem educar na época (e ainda hoje) aonde eu residia (cidades grandes) e falta de condições para pagar um bom colégio particular e a vida de classe média ou média alta que as crianças de tais escolas levam; 3) não queria minhas filhas aprendendo um monte de coisas na escola que iam contra os valores e princípios que queria lhes dar de base, 4) protegê-las das drogas, da violência e de comportamentos ruins como palavrões, sexualidade precoce, etc.

6. Fazia Homeschooling junto com outras famílias missionárias que me introduziram ao método. Morando a maior parte do tempo no Rio, não tive a intromissão dos parentes. Explicava sempre aos que perguntavam sobre o método e mostrava álbuns, currículos, enfim, sempre tinha uma documentação visível para amigos, curiosos ou autoridades preparadas, para mostrar que levava a educação de minhas filhas bem a sério. Minha mãe, professora, apoiou minha iniciativa, tendo ela mesmo sido professora rural na década de 50, ensinando crianças de fazendeiros em Minas Gerais.

7. As mulheres devem poder optar. Se a opção é ficar em casa e educar seus filhos, tal opção não deveria ser vista como “menor”, nem sofrer preconceito. É uma decisão do casal, da família.

8. Na década de 90, eu participei de um movimento missionário cristão de base norte-americana, mas que recebia aqui no Brasil missionários de outras partes também como da Europa e da Ásia. Tive meu primeiro contato com a educação domiciliar através deste grupo. Participei ativamente de suas atividades e montamos em nossas bases, pequenos grupos de estudo domiciliares, geralmente de 2 a 6 crianças em média. Não sei se teria tido condições de abraçar totalmente o método sem fazê-lo junto com estas outras famílias e dividirmos as tarefas, o ensino, o cuidado geral das crianças, tudo em prol de oferecer a elas uma boa educação enquanto nos dedicávamos também as nossas outras atividades

9. (Já respondido na pergunta anterior)

10. Minhas filhas acordavam, tomavam café, faziam uma tarefa para ajudar na limpeza/organização da casa (louça do café, varrer a sala, arrumar o quarto, etc) depois se sentavam na nossa “escolinha”, um espaço com mesa, cadeiras, prateleira cheia de livros, computador, mapas, brinquedos e jogos, TV e video cassete. Ali começavam suas atividades diárias, geralmente umas 2 horas de trabalho. Por volta das 11 horas, saíam para o quintal para brincar. Almoçavam, descansavam (quando liam ou brincavam em seus quartos), lanchavam, estudavam por mais umas 2 horas. A tardinha, faziam atividades variadas: Carol fez dez anos de bale e dois anos de escolinha de futebol; Mariane participava de um coral que cantava para instituições sociais, e também em hotéis, restaurants, festas, etc, Quando me mudei para o Recreio, íamos bastante a praia jogar peteca, frescobol. Atividade física era muito importante na

nossa rotina. Estou resumindo, é claro que no decorrer dos anos, houve muitas variações.

11. Pode-se arguir que não se deve proteger demais os filhos, mas acho que se vivemos numa sociedade democrática, temos também o direito de escolher como criá-los. Diz a Constituição brasileira de 1988: Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Acho que minha opção seguia bem estes parâmetros.

Um dos argumentos mais usados contra o ED no Brasil é a questão da socialização da criança. A experiência pessoal dos meus filhos sempre envolveu convivência com outras crianças, inclusive de idades diferentes, brincadeiras com os vizinhos, visitas aos primos, participação em atividades extracurriculares, etc. Sempre incentivo aos pais que aderirem ao método que tentem fazer juntos com outras famílias, se puderem, em pequenos coletivos. Mas os argumentos acadêmicos para a socialização partem do princípio de que não há socialização sem a escola, algo que a história nega veementemente, já que a escola como a conhecemos, tomou forma com a modernidade, e tornou-se tão naturalizada, que agora, pensar fora da caixa, e numa educação que não envolva a instituição escola se tornou quase um crime.

É preciso dar liberdade para os pais tentarem, mesmo errando, porque com certeza haverão erros, mas o amor e a afeição também podem ser métodos que promovem o aprendizado, apoiado por algumas correntes da psicologia do aprendizado. Todavia a lei brasileira não dá espaço para a Educação Domiciliar, considerando-a "culpada" desde o início. Irônico que em um país com um nível educacional tão baixo e problemas disciplinares e sociais extremos nas escolas, não se permita aos pais esta tentativa.

Minha filha mais velha, M., completou o ensino médio estudando em casa. Para ajudá-la com a certificação, ela fez um ano num supletivo do Estado para tirar o diploma de 8ª série (hoje nono ano) e no final do médio, depois de 18 anos, usou um supletivo particular para conseguir o diploma. Ela levou ainda uns dois anos para entrar na faculdade, e cursou então Design Gráfico, trabalha como professora de inglês no Brasas (devido ao excelente inglês pelo contato com estrangeiros) e está fazendo um MBA em Marketing.

A mais nova, C., entrou na escola no 9o ano. Ela sentiu o desejo de experimentar a escola, eu já não tinha mais a mesma estrutura anterior para ensiná-la e, quando a criança ou o jovem chega a uma certa idade, é importante ouvi-lo. Muitas vezes eles não querem ser "diferentes" ou começam a sentir curiosidade pela "escola". Diferente dos casos em que as crianças saem da escola por não a suportarem.

Ela fazia livros do 9o ano, porém sua idade era para o 8o ano. Deixei ela escolher, e ela quis ficar na turma adiantada porque sua melhor amiga, que era um pouco mais velha, ficaria naquela turma.

Ela se formou no Ensino Medio com 16 anos, passou para Informática na UNIRIO, e fez um período e meio da faculdade com 16 anos ainda. Ganhou o apelido de "de menor" na sua turma. Está indo para os EUA por um ano pelo programa Ciências Sem Fronteiras. Está atualmente numa conceituada universidade dos EUA por um ano.

Um fato curioso: quando perguntei a esta segunda filha depois do seu primeiro dia de aula em uma escola o que ela tinha achado, sua resposta: "Muito barulhento, mãe!" Morri de rir, mas entendi o que ela quis dizer.

O maior desafio como brasileira ensinando em casa era medo de problemas legais. Não é paradoxal que quando, finalmente o país se considera "democrático" outra vez, hajam pessoas com medo? E ainda hoje, ensinar em casa gera medo, pois as leis estão ficando cada vez mais rígidas? Por outro lado, durante o Regime Militar, vc estivesse ensinando seus filhos em casa, a Constituição permitiria.

Outros amigos meus do mesmo círculo de missionários sofreram denúncias, visitas do Conselho Tutelar, tiveram suas crianças testadas, visitadas por psicólogos, etc. No final, pediram que fossem matriculadas. Eles nunca matricularam e eles nunca mais os perturbaram. Ficou tão claro que as crianças eram bem educadas.

Mas tudo isso toma tempo, é uma dor de cabeça, causa estresse nos pais e nas crianças, por isso, precisamos de algum amparo legal que permita as famílias que querem experimentar o método. Se não gostarem, voltam para a escola. Mas muitas vezes a escola destrói o desejo de aprender das crianças, e

se torna aquela coisa obrigatória, tipo "tenho que cumprir" estes anos todos, como uma sentença prisional, me inspirando aqui em Foucault.

As maiores conquistas que sinto que minhas filhas tiveram foi liberdade para aprender, para fazer muitas excursões, visitas, até viagens (tudo se torna educativo), podíamos mergulhar em projetos de ciências de longo prazo, estudar história assistindo filmes, um conhecimento geral muito vasto, conhecimento de outras culturas (no meu caso talvez pelo contato com outros estrangeiros), aprenderam rapidamente e tinham mais tempo para fazerem outras coisas, como artes, dança, culinária, aprender a cuidar de suas próprias coisas, serem auto-disciplinadas ao invés de terem alguém lhes dizendo o que fazer o tempo todo.

Uma desvantagem que vivi: foi difícil lidar com Matemática, Física e Biologia no Ensino Médio da minha primeira filha. Por isso, quando a segunda entrou na escola logo antes do EM, isso supriu a dificuldade que tinha para ensinar essas matérias. Embora eu preferisse que elas nem as estudassem se não tivessem interesse. Mas tinha que pensar na questão profissional delas.

Infelizmente temos que pensar sempre em diploma. Quando nossos filhos são pequenos, nós como pais e guardadores deles, podemos optar e direcionar segundo nosso direito de escolha educacional. Depois de prepará-los para a vida adulta em sociedade, eles farão suas próprias escolhas. Há uma responsabilidade como educador em casa de lhes dar condições de serem bem sucedidas numa carreira tradicional que requeira ensino superior ou numa outra área qualquer. Mas o alicerce moral e ético foi lançado por mim, não pelo Estado, e disso tenho muito orgulho. As escolhas na vida adulta serão delas.

Termino com uma citação do Juiz do Supremo Tribunal Franciulli Netto num processo contra a família educadora Vilhena Coelho, de Anápolis, em 2002:

"...O fundamental é aceitar-se o princípio do primado da família em tema dessa natureza, mormente em Estado Democrático de Direito, que deve, por excelência, adotar o pluralismo em função da cidadania e da dignidade da pessoa humana.

Levada a obrigatoriedade de imposição da vontade do Estado sobre a dos cidadãos e da família, menos não fora do que copiar modelos fascistas, nazistas ou totalitários”.